DOIS

Olá, cacifo 89.

Então, a minha miúda tem-me dado cabo da merda do juízo. Ela não conhece o significado da palavra espaço!! Se eu me atrevo SEQUER a passar um dia sem lhe enviar a porra de uma mensagem, ela começa a bombardear-me o telemóvel. A minha mãe disse-me para não a recompensar por agir como uma psicopata, por isso certifico-me de que apenas lhe respondo no dia seguinte para que ela saiba que passar-se comigo não me vai fazer querer falar com ela. E quando respondo, ela começa a agir como uma cabra monossilábica passivo-agressiva. Wtf? Tipo, queres falar comigo ou não, caralho? Agora, tenho de me sentir culpado porque não olhei para a merda do telemóvel durante a aula de biologia? Não quero acabar tudo porque ela até consegue ser muito fixe quando não está a agir como uma psicopata. Juro que sou um bom namorado, mas não posso estar constantemente a enviar-lhe mensagens só para ela não se passar!!

Dtb02@hotmail.com

Cacifo 89 <cacifo89@gmail.com> 15h06 (há 0 min)
para Dtb02

Olá, DTB!

Recomendo-te que pesquises os diversos tipos de vinculação. Não tenho 100 por cento de certeza, mas parece-me que a tua namorada poderá ter um tipo de vinculação inseguro. (Existem quatro tipos principais: um é o seguro, em que as pessoas aprenderam em bebés que o amor é fiável e previsível. O outro é o evitante, em que a pessoa aprende em criança que não pode confiar nos outros e cresce com dificuldades em permitir que as pessoas se aproximem. Depois tens o inseguro, em que a pessoa aprendeu que o amor só é dado às vezes e que pode desaparecer sem aviso prévio, deixando-a, na idade adulta, num estado constante de medo de abandono. E, finalmente, o tipo ambivalente, em que alguém tem tanto medo de ser abandonado como de deixar que as pessoas se aproximem. Que confusão!). Resumindo e concluindo, ela vai ficar sempre supersensível a qualquer coisa que lhe pareça abandono, e entra logo em modo de pânico quando isso acontece. É algo a que chamamos «ativação». Não é «psicopata» (que já agora, não é um termo fixe), é um medo primordial de estar sozinha e em perigo. Contudo, percebo perfeitamente que possa parecer sufocante quando se dá a ativação.

Recomendo que estabeleças limites, mas que também tomes medidas para lhe assegurares de que ainda gostas dela. Ela pode precisar disso mais do que qualquer outra coisa. Diz-lhe que a achas fantástica, mas que queres encontrar uma solução para garantir que ela não entra em pânico se não lhe enviares mensagens. Cheguem a um acordo com o qual ambos se sintam confortáveis, porque a tua necessidade de espaço é válida! Talvez lhe possas enviar uma mensagem todos os dias antes das aulas, mesmo que seja só para lhe desejares bom dia. Ou talvez aches razoável enviares-lhe uma resposta rápida quando estiveres na casa de banho, do tipo

«Desculpa, agora estou na aula, falamos logo à noite quando estiver em casa para que te possa responder como deve ser, mal posso esperar por falar contigo». Ou, se não te apetecer conversar, envia-lhe uma mensagem a dizer «Estou a ter uma noite menos boa, mas não tem nada que ver contigo, amo-te, podemos falar amanhã?». O importante aqui é que deve ser algo que ambos achem que vá resultar.

Vai requerer algum compromisso, mas ficarias surpreendido com a facilidade com que se tira uma pessoa com um vínculo inseguro da sua espiral de ansiedade se não a deixas em silêncio a imaginar o pior. Ela só quer saber que existe um motivo para a tua distância que não seja «ele já não gosta de mim».

Boa sorte!
Cacifo 89

Em casa, a Ainsley não só deixara o molho de esparguete a descongelar, como também pusera pão fresco a cozer, enchendo a casa com o aroma delicioso e fermentado de uma confeitaria rural. Um som aguado e aquoso indiciou que a máquina de lavar loiça já estava a meio de um ciclo, e o chão de linóleo brilhava como se tivesse sido esfregado recentemente. Contudo, mesmo após uma esfregadela profunda, a nossa casa tinha demasiada tralha para parecer limpa, e a cozinha não era diferente. Cada bancada era ocupada por quinquilharias decorativas, desde suculentas em panelas de terracota a caixas cheias de utensílios de cozinha, passando por diversos suportes para canecas. As paredes estavam cobertas de tachos, panelas e facas penduradas em vários expositores de madeira, e o frigorífico adornado de ímanes que celebravam cada momento marcante da vida da nossa família, desde as viagens à Disneylândia, às férias numa praia do Havai, à minha formatura no infantário, a uma foto da Ainsley e da mãe nos degraus do tribunal no dia da mudança do seu nome legal.

Desde que começara a universidade comunitária, a Ainsley passara a preocupar-se com «contribuir» lá em casa, como se a mãe não tivesse

passado anos a inundá-la de razões para ir para a universidade aqui em vez de em L.A. A mãe parecia não estar pronta para ter a casa totalmente vazia de duas em duas semanas, sempre que eu ia para casa do meu pai. Não que me estivesse a queixar; não só a Ainsley era uma cozinheira muito melhor do que a mãe, como, por acaso, também era uma das minhas melhores amigas. O que também era uma das armas que a mãe tinha no seu arsenal de «convencer a Ainsley a ficar».

Larguei a mala ao pé da mesa da cozinha e deslizei para um dos bancos, tentando e fracassando em chamar a atenção da Ainsley. Como sempre, ela estava a usar uma das suas criações ajustadas personalizadas, uma camisola creme com mangas três quartos e folhos semelhantes a asas que lhe desciam pelas laterais.

— Estás a pensar em fazer pão de alho, querida? — perguntou a mãe à Ainsley, abrindo o frigorífico para tirar água.

A Ainsley olhou de relance para a máquina de fazer pão.

— Por acaso é uma boa ideia.

Pigarreei.

— Ainsley, disseste que ias ajustar um dos teus vestidos para mim.

Agora, para clarificar, a Ainsley nunca dissera tal coisa. Por mais que fosse boa em muita coisa, partilhar a sua roupa e maquilhagem não era, nem nunca tinha sido, o seu forte. Não obstante, funcionou. Consegui que ela finalmente olhasse para mim, embora parecesse desnorteada, e aproveitei a oportunidade para arregalar os olhos na sua direção, transmitindo-lhe um significado oculto.

— Claro — mentiu, aconchegando uma mecha do seu longo cabelo castanho atrás de uma orelha. O seu tique. Felizmente, a mãe não lhe estava a prestar muita atenção. — Tenho alguns minutos agora, se quiseres ver.

— Sim, sim, vamos.

Não ia ao quarto da Ainsley com a mesma frequência com que ela vinha ao meu, e tinha um bom motivo. Enquanto o meu quarto era relativamente organizado — as decorações onde deviam estar, a cama feita, a roupa pendurada —, o da Ainsley era um caos organizado. As paredes verdes e cor-de-rosa às riscas brancas mal eram visíveis através dos pósteres e pinturas e fotos que ela pendurara ao acaso (a única foto

a que dedicara mais algum cuidado era a foto grande, emoldurada, do Clube Queer e a Questionar, tirada no final do seu último ano de secundário). Tinha a cama, estilo *queen-size*, desfeita — com as quatro ou cinco camadas de roupa que lhe tinha atirado para cima, mal se notava — e aos pés da cama, um baú cheio de tecidos, botões e outros pequenos itens para os quais ela garantia que um dia encontraria uma utilidade, com o conteúdo a espalhar-se pelo tapete creme felpudo.

Assim que entrei pela porta, o meu olfato foi atacado pelo aroma espesso de caramelo e baunilha da vela favorita da Ainsley, que ela acendia sempre que estava a planear um vídeo novo para o YouTube. Segundo ela, ajudava-a a concentrar-se, mas a minha musa não me surgia sob a forma de uma enxaqueca induzida pelo cheiro, por isso não me identificava.

A Ainsley fechou a porta. Atirei-me para o monte de roupa em cima da cama dela e comecei a tossir o mais dramaticamente que consegui.

— Que se passa? — perguntou-me, abrindo uma fresta na janela para deixar entrar algum muito apreciado oxigénio.

Arrastei-me para perto da janela e inalei.

— Fui apanhada, Ains.

Ela não me perguntou ao que me referia. Não precisava. Na qualidade de única confidente no mundo que sabia do meu negócio do cacifo, estava muito bem ciente daquilo que eu fazia todos os dias depois das aulas.

Sentou-se pesadamente na beira da cama.

— Por *quem*?

— O amigo do Finn Park. Alexander Brougham.

— *Esse?* — Lançou-me um sorriso malicioso. — Ele é um gato. Parece o Bill Skarsgård!

Escolhi ignorar o facto de que ela acabara de comparar o Brougham a um palhaço de um filme de terror como se fosse um elogio.

— Porque tem olhos inchados? Não é a minha cena.

— Por ser rapaz ou por não ser a Brooke?

— Porque não faz o meu *tipo*. O que é que o ser rapaz tem que ver com isto?

— Não sei, normalmente costumas preferir raparigas.

Okay, só porque, *por acaso*, gostara de algumas raparigas de seguida não queria dizer que não podia gostar de rapazes. Mas estava sem energia para começar *aquela* discussão, por isso regressei ao tópico em voga.

— De qualquer forma, ele apareceu-me de surpresa. Disse que queria descobrir quem era o responsável pelo cacifo e quer pagar-me para ser a sua *instrutora de relacionamentos*.

— Pagar-te? — Os olhos da Ainsley iluminaram-se. Presumivelmente, enquanto visões de batons da MAC, adquiridos com os meus mais recentes lucros, lhe dançavam pela mente.

— Bem, sim. E também me *chantageou*. Basicamente disse que me denunciaria a toda a gente se não aceitasse os termos dele.

— O quê? Que filho da mãe!

— *É, não é?* — Atirei as mãos para cima antes de as segurar contra o peito. — E aposto que seria bem capaz de o fazer.

— Bem, sejamos honestas, mesmo que ele apenas contasse ao Finn, amanhã já a cidade toda saberia.

Embora o Finn Park fosse finalista e um ano mais novo do que ela, a Ainsley conhecia-o — e, por extensão, as suas amizades — bem. Ele fizera parte do Clube Queer e a Questionar desde que a Ainsley o fundara no seu 11.º ano, na mesma altura em que iniciara a sua transição.

— Então, que vais fazer? — perguntou ela.

— Concordei em encontrar-me com ele amanhã depois das aulas.

— Paga-te bem, pelo menos?

Revelei-lhe o valor, e a Ainsley pareceu impressionada.

— Isso é mais do que eu recebo na creperia!

— Dá-te por sortuda por o teu chefe não te estar a extorquir.

O meu telemóvel começou a vibrar no meu bolso, interrompendo a conversa. Era uma mensagem da Brooke.

> Tenho algumas amostras novas.
> Posso passar aí antes do jantar?

Tudo dentro de mim começou às voltas e trambolhões como se tivesse acabado de engolir uma dose de grilos vivos.

— Que é que a Brooke quer? — murmurou a Ainsley.

Olhei para cima a meio de lhe escrever uma resposta.

— Como é que sabes?

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Porque só a Brooke te faz ficar… — Pontuou a frase com um sorriso lamechas e exagerado, que completou com uma careta.

Olhei fixamente para ela.

— Incrível. Se é assim que eu fico quando estou perto dela, consigo imaginar porque é que ainda não se apaixonou por mim.

— É minha função dizer-te as verdades difíceis — disse a Ainsley. — E levo-a muito a sério.

— Estás a sair-te bem. Muito empenhada.

— Obrigada.

— Ela tem algumas amostras para nós. Vais gravar antes do jantar?

— Não, ia fazê-lo mais tarde. Conta comigo.

Apesar de a creperia ser suficiente para lhe pagar as contas, havia já um ano que a Ainsley se dedicava ao seu canal de YouTube de personalização de roupa usada. Os vídeos eram realmente impressionantes. Apesar de, como eu, ter de lidar com a pressão de se integrar numa escola privada de gente rica, mas com a dificuldade acrescida de ter apenas o guarda-roupa limitado que a mãe e o pai se podiam dar ao luxo de pagar na altura — muito do qual não fora feito para as suas proporções —, a Ainsley adaptara-se ao desenvolver as suas capacidades de costura. E, pelo meio, descobrira que tinha uma criatividade natural. Conseguia olhar para as peças mais hediondas de roupa em 2.ª mão, e onde o resto de nós via algo que nunca usaríamos em um milhão de anos, a Ainsley via potencial. Salvava artigos e diminuía na cintura, acrescentava tecido, adicionava ou retirava mangas e cobria-as de cristais, rendas ou remendos, e transformava-as por completo. E acontecia que o resultado do processo de transformação, juntamente com a sobreposição dos seus comentários autodepreciativos, era conteúdo de qualidade.

Respondi à mensagem da Brooke. O que lhe queria dizer era que, obvia-porra-mente que podia passar por cá, o mais depressa possível e, na verdade, também se podia mudar e casar comigo e ser a mãe dos meus

filhos, mas o meu estudo exaustivo em relacionamentos ensinara-me que a obsessão selvagem não tinha piada nenhuma. Por isso, optei por um simples «claro, vamos comer por volta das seis». A mesma mensagem genérica, menos intensidade assustadora.

Quando a Ainsley voltou para a cozinha, tirei o uniforme e mudei de roupa, depois tirei as cartas do dia da mochila e comecei a lê-las uma a uma. Após dois anos a fazer isto, desenvolvera todo um sistema. As notas e moedas iam para um saco hermético para serem depositadas na minha conta bancária (achei que a forma mais fácil de ser apanhada seria ser vista demasiadas vezes com uma mala cheia de notas pequenas). Depois, lia todas as cartas na diagonal e separava-as em duas pilhas. Pilha um: cartas para as quais conseguia pensar logo numa resposta. Pilha dois: cartas que me desnorteavam. Hoje em dia, tinha orgulho em dizer que a pilha dois era quase sempre a mais pequena, e por vezes nem sequer havia necessidade de uma pilha dois. Eram muito poucas as situações que me desconcertavam.

Por vezes, receava que todo este processo me consumisse demasiado tempo e deixasse de ser viável no meu ano de finalista. Mas, ei, inúmeros estudantes trabalhavam em *part-time*. Porque é que isto haveria de ser diferente? Além da resposta óbvia: gostava de o fazer. Muito mais do que a maioria das pessoas gostava dos seus trabalhos de salário mínimo a empacotar compras ou a recolher pratos sujos de clientes ingratos.

Quando a Ainsley regressou ao quarto para poder adiar as suas próprias responsabilidades, já tinha acabado a pilha um — a única do dia — e avançado para a pesquisa no YouTube. Nos dois últimos anos, cultivara uma lista de subscrições nos canais de quem considerava serem os melhores especialistas em relacionamentos, e fazia questão de nunca perder os seus vídeos. Era terça-feira, o que significava um novo *upload* da *Coach* Pris Plumber. O vídeo de hoje era uma revisão das últimas pesquisas por trás da biologia do cérebro apaixonado, que me interessava muito mais do que o meu atual trabalho de casa de biologia. A *Coach* Pris era uma das minhas favoritas, perdendo apenas para a Oriella.

Meu Deus, como descrever o enigma que era Oriella? Uma influenciadora na casa dos 20 que praticamente fundara o cantinho do YouTube dedicado aos conselhos de relacionamentos e que publicava

um vídeo dia sim, dia não. Como é que alguém se conseguia lembrar de tantos tópicos para abordar? Inacreditável. E por mais vezes que ela publicasse, por mais que pensássemos que ela certamente já falara de tudo o que havia para falar, *boom*: ela surpreendia-nos com um vídeo sobre como usar fotos artísticas de comida nas histórias do Instagram para fazer o nosso *ex* sentir a nossa falta. A mulher era a porra de um génio.

Também fora pioneira de uma das minhas ferramentas preferidas de aconselhamento sobre relacionamentos, a que não-tão-criativamente chamara «análise de caráter». A Oriella percebeu que todos os problemas podiam ser rotulados, e que, para encontrarmos o rótulo correto, tínhamos de realizar um diagnóstico. Graças às suas instruções pré-gravadas, eu aprendera a listar tudo o que era relevante sobre a pessoa em questão — no meu caso, era sempre um complicado escritor de cartas de cacifo — e assim que tudo estivesse escrito, as coisas tornavam-se quase sempre mais evidentes.

A Ainsley apareceu atrás de mim e ficou em silêncio a olhar para o vídeo durante cerca de três segundos, depois mudou-se para a minha cama e sentou-se na beirinha. A minha deixa para parar o que estava a fazer e dar-lhe atenção.

Olhei para cima e vi-a esparramada sobre a minha cama, numa pose de estrela-do-mar, o cabelo castanho liso espalhado por cima do cobertor em forma de leque.

— Algum bom? — perguntou quando lhe retribuí o olhar.

— O normal — respondi enquanto pausava a Pris. — Qual é a *cena* dos rapazes agora chamarem psicopatas às namoradas? Que epidemia.

— Se há uma coisa que os rapazes adoram é uma desculpa para evitarem responsabilizar-se pelo papel que desempenham na causa dos comportamentos que não lhes agradam — disse ela. — Estás a fazer o que é certo.

— Alguém tem de o fazer, acho eu.

— Ajuda a pagar as contas. A propósito, a Brooke está lá fora.

Fechei o portátil com um estrondo e pus-me de pé num salto para me encharcar de perfume. A Ainsley abanou a cabeça.

— Nunca te vi a seres tão rápida.

— Cala-te.

Entrámos na sala no preciso instante em que a mãe abriu a porta da frente e cumprimentou a Brooke, o que me dava pelo menos quinze segundos para me preparar enquanto elas se abraçavam e a mãe perguntava por cada membro da família dela.

Mergulhei no sofá, afastei as várias almofadas decorativas ao pontapé e posicionei-me de uma forma que, esperava, fizesse parecer que estava ali há séculos, nem minimamente preocupada com a chegada da Brooke.

— Como está o meu cabelo? — sibilei à Ainsley.

Ela observou-me com um olhar crítico, depois estendeu as mãos para desembaraçar as ondas do meu cabelo ao nível dos ombros. Com um aceno de aprovação, atirou-se para o meu lado e pegou no telemóvel, mesmo a tempo de completar o quadro de despreocupação relaxada com o aparecimento da Brooke.

O meu peito comprimiu-se. Engoli o coração, que se alojara algures por trás das minhas amígdalas. A Brooke entrou a deslizar na sala, as meias silenciosas sobre a carpete. Ainda estava de uniforme, para meu deleite secreto.

O nosso uniforme escolar consistia num *blazer* azul-marinho com o logótipo da escola no peito e uma camisa branca abotoada, ambos os quais tinham de ser comprados na loja de uniformes. Fora isso, ainda havia um código, mas era mais permissivo quanto à forma como o interpretávamos. A parte de baixo tinha de ser bege, de cor caqui, à escolha entre calças ou uma saia, mas podíamos comprá-las onde quiséssemos. Os rapazes tinham de usar gravata, mas a cor e o estilo da gravata cabiam-lhes a eles — salvo qualquer estampado explícito ou inapropriado. Essa regra fora criada no meu segundo ano, quando o Finn arranjou uma gravata revestida a folhas de canábis.

Portanto, havíamos chegado a um compromisso que impedia os alunos de se revoltarem. Uniforme o suficiente para manter a maioria dos pais e funcionários satisfeitos, mas com expressão suficiente para não nos sentirmos encurralados num colégio interno britânico enfadonho onde a individualidade era ilegal.

Agora, pode parecer que me estava a queixar do uniforme, mas que fique registado que não estava. Como poderia, quando a Brooke se

parecia assim com ele vestido? Com as suas pernas esbeltas expostas pela saia e *collants* pretos, o seu medalhão dourado suspenso diante do colarinho abotoado e o cabelo liso escuro que lhe caía sobre os ombros do *blazer*. Brooke era uma visão do caraças. Tinha a certeza de que, até ao dia da minha morte, a visão do uniforme das raparigas de St. Deodetus iria encher-me o estômago de borboletas às cambalhotas. Tudo graças à forma como assentava à Brooke Amanda Nguyen.

— Olá — disse a Brooke, pondo-se de joelhos no centro da sala. Despejou o conteúdo do seu saco de pano na carpete, revelando dezenas de saquetas e tubos.

Um dos maiores benefícios em ter a Brooke como amiga — além de a ter por perto para trazer luz e alegria à minha vida todos os dias — era o seu trabalho de vendedora de loja.

Era o trabalho mais fixe que qualquer adolescente poderia ter, sem contar com o meu, que era indiscutivelmente mais fixe. Ela passava os turnos a falar com as pessoas sobre maquilhagem, a recomendar produtos e a espreitar as novidades. E melhor ainda, tinha um desconto de funcionária e podia levar para casa as amostras que quisesse. O que, para mim, se traduzia em receber montes de maquilhagem grátis.

Com um grito de felicidade, a Ainsley disparou do sofá para o chão, onde agarrou um dos saquinhos antes que eu tivesse oportunidade de processar a seleção.

— Oh, sim, sim, sim, há *tempos* que quero experimentar isto! — exclamou ela.

— Bem, acho que acabaste de a reivindicar — disse, fingindo sentir-me de parte. — Olá, Brooke.

Ela retribuiu-me o olhar e sorriu.

— Olá! Trouxe presentes.

De alguma forma — graças a Deus — consegui impedir-me de lhe dar uma daquelas respostas ridículas e lamechas sobre como a presença dela em minha casa era o verdadeiro presente. Em vez disso, estabeleci a dose certa de contacto visual — que ela infelizmente quebrou antes que conseguíssemos ter qualquer tipo de momento — e mantive o tom cuidadosamente descontraído, mas não a ponto de parecer desinteressada.

— Como está o trabalho?

Brooke franziu o nariz.

— Já fiz o esboço. Estava à espera das tuas notas.

— Ainda tens até à próxima semana. É bastante tempo.

— Eu *sei,* eu sei, mas demoro uma *eternidade*. Não escrevo tão rápido como tu.

— Então porque vieste? — provoquei.

— Porque tu és tão mais divertida do que o meu trabalho.

Abanei a cabeça, num gesto de falsa desilusão, mas o meu rosto foi dominado por uma expressão eufórica que provavelmente me denunciou. Por um segundo, ela lançou-me o que me pareceu um olhar carregado de significado. Está bem, pode ter sido afeto platónico, mas *também* pode ter sido uma insinuação. Uma abertura. *Prefiro estar contigo. Divirto-me contigo. Seria capaz de sacrificar uma boa nota para poder passar uma hora extra contigo.*

Ou talvez eu estivesse a ver coisas que não estavam lá e a ouvir o que queria ouvir. Porque é que era tão mais difícil responder às minhas próprias perguntas sobre relacionamentos do que às dos outros?

Enquanto a Brooke e a Ainsley se manifestavam efusivamente em relação ao produto que a Ainsley reivindicara — um esfoliante químico, pelo que percebi —, rastejei até ao montinho de produtos e vi um minibatom líquido do tom rosa-pêssego mais perfeito que alguma vez tinha visto.

— Oh, Darc, isso ia ficar-te tão bem — disse a Brooke, e foi o que bastou, precisava daquilo mais do que qualquer outra coisa na minha vida.

Mas enquanto o testava no pulso, reparei, pela minha visão periférica, que a Ainsley me lançava um olhar de cachorrinho. Olhei para cima.

— Que foi?

— Esse é o batom que eu ia comprar este fim de semana.

Pressionei-o contra o peito, defensiva.

— Já tens o esfoliante!

— Há, tipo, umas cem coisas aqui, posso levar mais do que *uma*.

— Tu nem sequer és loira! O pêssego não te fica bem!

Ainsley pareceu ofendida.

— Hum, desculpa, mas para tua informação, os tons de pêssego ficam-me *a matar*. E os teus lábios são perfeitos ao natural. Os meus precisam de toda a ajuda que conseguirem.

— Podes levá-lo emprestado sempre que quiseres.

— *Não,* depois ficas com aftas. Se eu ficar com ele, podes levá-lo emprestado se usares um aplicador, que achas?

— Ou posso usar sempre um aplicador e *tu* podes levá-lo emprestado.

— Não confio em ti. Terias preguiça e esfregarias a tua herpes em cima dele para marcar território.

Atirei as mãos para cima e olhei para a Brooke em busca de apoio.

— Uau. *Uau*. Estás a ouvir esta calúnia?

A Brooke retribuiu-me um olhar divertido e toda a minha ferocidade se esvaiu. Ela endireitou a postura e estendeu as palmas das mãos.

— Bem, calma, isto não precisa de acabar em sangue. Que tal pedra, papel ou tesoura?

A Ainsley olhou para mim.

Eu olhei para ela.

Ela encolheu os ombros.

Bolas, ela sabia que eu ia ceder. Ela *sabia* e sentiu *zero* vergonha em aproveitar-se desse facto, e apenas por ela, *apenas por ela*. Ganhar agora, sabendo que a Ainsley o queria tanto, teria um sabor amargo.

— Guarda partilhada? — sugeri. Adeus, belo batom.

— Oh, *Darc* — protestou a Brooke. Sabia tão bem quanto eu que se o batom desaparecesse no quarto da Ainsley, provavelmente nunca mais o veria. Ainda assim, tinha de impor condições, caso contrário, pareceria fácil de manipular. O que era, quando se tratava da Ainsley, mas a questão não era essa.

A Ainsley ergueu a mão para a calar.

— Eu fico com os direitos de guarda, tu com direitos de visita ilimitados.

— E se fores para fora no fim de semana? Ou se eu precisar dele num fim de semana do pai? — Embora a Ainsley por vezes se juntasse a mim nas visitas ao pai, eu era a única a ser obrigada pelo tribunal de família a vê-lo mais regularmente. Assim que a minha irmã fez 18 anos, a decisão de ir visitar o pai tornou-se totalmente dela e, como estudante

universitária, fazer as malas e atravessar a cidade duas vezes por mês tendia a ser demasiado trabalhoso para ela.

Ela hesitou.

— Base caso a caso. Se uma de nós tiver um evento especial nesse fim de semana, o batom vai para a irmã em questão.

Voltámo-nos para a Brooke ao mesmo tempo. Ela cruzou os dedos e alternou o olhar entre nós, as sobrancelhas franzidas. Fiquei feliz por vê-la a levar a sério o seu papel de juíza. Após uns segundos de ponderação, respondeu:

— Creio que o permitirei, sob a condição de que a Darcy possa escolher mais duas coisas, agora, e serão automaticamente dela. Combinado?

— Combinado — concordei.

— Não te retraias, Darc — preveniu a Brooke.

Pousei as mãos no colo.

— Não o farei.

— Oh, mas o *Eve Lom* não — intimou Ainsley, erguendo uma mão. A Brooke lançou-lhe um *olhar*, e a Ainsley fez beicinho. — Está bem, combinado. Sem restrições.

Senti-me profundamente tentada a pegar no gel de limpeza facial da *Eve Lom* só para marcar uma posição. Mas conformei-me com uma base hidratante, que era mais o meu tom do que o da Ainsley, e uma amostra de perfume, ignorando os olhares de lado da Brooke.

Que podia dizer? Algo em ter a Brooke por perto me fazia querer espalhar amor.

Ainda bem que ela estava tantas vezes por perto.

E podem ter a certeza de que não ia deixar que o Alexander Brougham me estragasse isso.